

ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DE ESTADO DE MATO GROSSO

UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

81'42:37

5586c

Ex L

C 92572846

A CONTRIBUIÇÃO DOS EXERCÍCIOS DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTO DO
LIVRO DIDÁTICO NA EFETIVA INTERPRETAÇÃO DO TEXTO

AILTON ANTONIO DA SILVA

BIBLIOTECA UNEMAT	
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT	
RG N°	6603
Data	17, 01, 02

5586c

PONTES E LACERDA, MT, JULHO DE 2.000

ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA

A CONTRIBUIÇÃO DOS EXERCÍCIOS DE INTERPRETAÇÃO DE TEXTO DO
LIVRO DIDÁTICO NA EFETIVA INTERPRETAÇÃO DO TEXTO

Ensaio monográfico para
a conclusão do Curso de
Licenciatura em Letras
do Campus Universitário
de Pontes e Lacerda,
tendo como orientadora
a professora Shirlei
A.F.G. Máschio.

PONTES E LACERDA, MT, JULHO DE 2.000

" A noção de interpretação passa por ser transparente quando na realidade são muitas e diferentes suas definições ".

(Eni P. Orlandi).

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por ter me dado perseverança para que eu pudesse continuar até o final , mesmo diante de tantas incoerências, parcialidades e outros imprevistos do dia-a-dia, no decorrer do Curso; à minha família, esposa e filhos, por saber compreender as dificuldades, que foram muitas, mesmo assim nunca desacreditaram do objetivo proposto; à minha orientadora, professor Shirley, que momento de maior dificuldade, ao ponto de "desânimo", não mediu esforços, não só didaticamente, mas também com estímulo e encorajamento, o que foi decisivo para a minha conclusão de curso.

SUMÁRIO

Apresentação.....	6
Quadro Teórico.....	8
Análise dos Dados.....	25
Considerações Finais.....	37
Bibliografia.....	40
Anexos.....	42

APRESENTAÇÃO

Ao elaborar este trabalho, busquei entender como os exercícios de interpretação de texto do Livro Didático de Língua Portuguesa das 6^as séries, contribuem para a efetiva interpretação do mesmo.

Para que isto fosse possível , procurei entender o que é interpretação e quais as suas significações, o que foi exposto ao longo deste trabalho, e aqui colocado assim:

"Interpretação será entendida como ideologia e esta, por sua vez, como o processo de produção de um imaginário, isto é, produção de uma interpretação particular que apareceria no entanto como a interpretação necessária e que atribui sentidos fixos às palavras, em um contexto histórico dado". (Orlandi, pag. 47)

Portanto, a interpretação será pesquisada na perspectiva da Análise do Discurso, e por entender que interpretação, leitura e produção de texto andam juntas, ainda foi levantado alguns critérios da teoria Pedagógica do Mestre da Esperança Paulo Freire, bem como de outros

escritores e "teóricos" como João Wanderlei Geraldi, Enilde L. de J. Faulstich e também do P.C.N. de Língua Portuguesa, bem como do Guia de Livros Didáticos de 1999.

Esta pesquisa demonstrará que interpretar é ir além, é extrapolar os vários sentidos que o texto possui, e que faz parte do todo, que é constituído nele, procurará também através da análise de dois livros didáticos de Língua Portuguesa da 6.^a série: "Palavras e Idéias" de José de Nicola e "Curso Moderno de Língua Portuguesa" de Douglas Tufano, detectar se os exercícios de interpretação do texto neles colocados realmente interpreta ou apenas relê cada um deles, criando ou não condições para produção de texto.

QUADRO TEÓRICO

" *Texto: (Do lat' textu, tecido). S.M. Conjunto de palavras, de frases escritas: o texto de um livro, de um estatuto, de uma inscrição.*"
(Aurélio, pag 1674).

Texto, como está colocado no Dicionário Aurélio, é o conjunto de palavras e ou frases, e tem sua etimologia do Latim TEXTU que quer dizer tecido, portanto, texto é o ato de tecer as palavras, dando-lhes significado num contexto determinado.

Uma palavra dentro de um contexto também se constitui um texto, caso de PARE, e/ou SILÊNCIO, ambas carregadas de informações, seja nos sinais de trânsito ou num hospital ou ainda na própria biblioteca, assim é que as palavras são carregadas de significações, e são elas o alvo a ser descoberto na leitura e/ou leituras possíveis de um texto.

O texto é um todo significativo, independentemente do tamanho que ele apresenta.

Todo falante de uma língua é capaz através da leitura, de definir se o texto é coerente ou não, se a trama desenvolvida pelas palavras estão coerentes e são capazes também de parafrasear, resumir, atribuir um estilo ou mesmo

produzir um texto a partir de um título dado, o que vai determinar a competência textual de cada falante e/ou escrevente de uma língua.

A escola tem sido o lugar social, onde os alunos são levados ao treino da leitura e da produção de texto, assim, lança mão para isso de acontecimentos de textos escritos no Livro Didático.

A democratização da escola, mesmo que seja falsa, conseguiu trazer para o interior dela uma clientela oriunda de várias classes sociais, e portanto falantes de vários dialetos.

Hoje a escola não dá aula para um determinado grupo social, mas para vários, portanto, quando essa escola prima pelo ensino "simples e puro" da forma culta da Língua Portuguesa, exclui a importância de outros dialetos, deixando-os de lado, ignorando-os.

Para a efetivação da transformação de uma variedade lingüística, vários fatores são associados; entre eles: associação da variedade lingüística com a modalidade escrita e/ou à tradição gramatical, bem como a dicionarização dos signos lingüísticos dela, e ainda considerá-la como legítima transmissora da tradição cultural e da identidade de um determinado povo.

Magda Soares(1983) aponta:

" De um lado há os que pretendem que a escola deva respeitar e preservar a variedade lingüística das classes populares, e sua peculiar relação com a linguagem, consideradas tão válidas e eficientes para a comunicação, quanto a variedade lingüística socialmente privilegiada. Nesse caso, a escola deveria assumir a variedade lingüística das classes populares como instrumento legítimo do discurso escolar(dos professores, dos alunos e do material didático). Por outro lado, há os que afirmam a necessidade de que as classes populares aprendam a usar a variedade lingüística socialmente privilegiada, própria das classes dominantes, e aprendam a manter, com a linguagem, a relação que as classes dominantes com ela mantém porque a posse dessa variedade e, dessa forma específica de relação com aprendizagem é instrumento fundamental e indispensável na luta pela superação das desigualdades sociais."

Cabe ao professor de Língua Portuguesa, oportunizar ao aluno o domínio de outra forma de falar e/ou escrever, ou seja o dialeto padrão, sem deixar aquela que traz de sua casa.

As aulas de Língua Portuguesa tem efetivado a prática de leitura e a prática de produção de texto.

A primeira produção envolve dois tipos de textos com profundidades específicas de leitura:

a- Textos "curtos" (contos, crônicas, lendas, notícias da imprensa escrita, Livro Didático).

b- Narrativas curtas (romances e novelas).

A primeira opção é a que será desenvolvida aqui, pois é a que está presente no livro Didático de Língua Portuguesa, até com um agravante, às vezes, estes textos "curtos" se tornam mais curtos, pois são apenas trechos de obras mais amplas e que estão ali servindo para uma mensagem específica à que o Livro Didático foi destinado, disseminar seu conteúdo para outros grupos sociais, sem contudo ser àquele que o elaborou.

"Observando textos colocados à disposição dos estudantes por grande parte dos livros didáticos de "comunicação e expressão", pode-se constatar que tais textos não

respondem a qualquer "para quê", consequentemente o único "para quê lê-lo" que o estudante descobre de imediato é responder às questões formuladas a título de interpretação: eis a simulação de leitura". (Geraldi, pag. 93).

O autor vai mais além nas suas considerações sobre os textos nos Livros Didáticos.

"Nesse sentido, leituras realizadas em outras disciplinas do currículo (história, geografia, ciências, etc...) são menos artificiais do que as realizadas nas aulas de Língua Portuguesa, que está um pouco mais claro para o aluno o "para quê" extrair as informações x ou y do texto, ainda que a resposta tenha sido autoritária e artificialmente imposta pelo processo escolar (avaliação, por exemplo)". (Geraldi, pag. 93).

As respostas ao "para quê" dos textos do Livro

Didático de Língua Portuguesa precisam ser claras e não aquelas que os exercícios de interpretação ali colocados ao final de cada unidade dão ao aluno.

Nesse contexto, é preciso lançar mão de todos os recursos disponíveis, desde os materiais didáticos, já conhecidos dos professores (cadernos, livros, canetas, dicionários) até os recursos do dia-a-dia que podem ajudar no processo de ensino-aprendizagem, tais como: televisão, fitas de vídeo, computador, internet, jornais, propaganda, revistas, que aos poucos vão sendo introduzidos na sala de aula com grande aproveitamento e como subsídios poderosos na hora de exercitar a leitura, a produção de texto e a interpretação.

O grande problema então, é o uso do Livro Didático, consagrado como "Bíblia" mas, que às vezes traz textos totalmente fora da realidade do aluno, quando não do professor.

O governo, idealizador do Livro Didático, idealizou também os P.C.Ns, ou seja, os Parâmetros Curriculares Nacionais, o qual é uma obra composta de vários livros, que não só se diferenciam na cor de sua capas, mas também no conteúdo que cada um traz, pois cada livro da série é para uma determinada matéria.

Os P.C.Ns, foram elaborados para nortear a ação pedagógica nacional, dando-lhe conteúdos mínimos que se

tornarão significativos ao serem aplicados, respeitando a especificidade de cada região, de cada escola, de cada comunidade.

No P.C.N. especificamente destinado ao desenvolvimento do ensino de Língua Portuguesa, os conteúdos articulam-se em volta de dois eixos básicos: "Uso de língua oral e escrita; e a reflexão sobre a língua e a linguagem". (P.C.N., L. Port, pág. 34), e isto significa compreender que o ponto de partida como a finalidade do ensino da língua é justamente a "produção/recepção do discurso".

O discurso desenvolvido pela escola é o discurso pedagógico o qual, ainda hoje, se apresenta autoritário, absoluto.

"No discurso autoritário, o referente está "ausente", oculto pelo dizer; não há realmente interlocutores, mas um agente, o que resulta na polissemia contida(o exagero é a ordem no sentido em que se diz "isso é uma ordem", em que o sujeito passa a instrumento de comando). Esse discurso recusa outra forma de ser que não a linguagem". (Orlandi, pág. 16.)

O professor é o senhor absoluto e detentor do saber, a ele se dá honras e glórias, é ele quem fala e o aluno é o que escuta sem chance de expressão dentro do Discurso aapedagógico.

"Entre a imagem ideal do aluno(o que não sabe), e a imagem ideal do professor(o que tem a posse do saber que é legitimado pela esfera do sistema de ensino), há uma distância fartamente preenchida pela ideologia". (Orlandi, pag. 22).

E esta ideologia está nos Livros Didáticos de todas as disciplinas, em especial, no de Língua Portuguesa, nos seus textos, escolhidos para perpetuarem a relação entre as classes sociais, carregados de uma aparente neutralidade, mas ricos de ideologia dominadoras, definidoras de papéis sociais que cada ser humano(indivíduo) exerce dentro de uma determinada sociedade.

"E a escola é a sede do Discurso Pedagógico. Em última instância, é o fato de estar vinculado à escola, isto é, uma instituição, que faz do

Discurso Pedagógico aquilo que ele é, mostrando-o em sua função: um dizer institucionalizado, sobre as coisas, que se garante , garantindo a instituição em que se origina e para a qual tende."(Orlandi, pag. 23).

O fato de não haver nesta modalidade de discurso a articulação entre o locutor e o ouvinte, o faz ser soberano no seu dizer fazendo o jogo ideológico através dos efeitos de sentido dissimulados, diluídos ao longo do processo pedagógico.

Ler sem dúvida vai além da decodificação pura e simples dos signos lingüísticos que constitui o discurso.

Ler é algo profundo, requer competência e leitura ampla da "palavramundo".

"A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente" .(Freire, pág. 11.)

A leitura de um texto requer, como Paulo Freire

diz, que ele tenha significação para o leitor dentro de sua leitura de mundo, ou seja que o texto lhe signifique, dando a esta leitura contribuições para enriquecê-la.

A leitura de um texto precisa passar por vários momentos e níveis, de aprofundamento, buscando-lhe as várias "leituras", os vários sentidos.

A interação do leitor com o texto depende de vários fatores, tais como: histórico, social, geográfico, etc, colocados tanto no texto, quanto no leitor para que haja a reflexão sobre a linguagem que está posta na leitura deste.

Assim estes fatores sendo considerados, se pode efetivar a interpretação do texto.

"Interpretação será entendida como ideologia e esta, por sua vez, como processo de produção de um imaginário, isto é, produção de uma interpretação particular que apareceria no entanto como a interpretação necessária e que atribui sentidos fixos às palavras, em um contexto histórico dado". (Orlandi, pág. 47.)

A interpretação se define diferentemente em vários contextos históricos, assim a representação do sujeito na idade média, é diferente daquela que hoje representa o

sujeito moderno, naquela época os fatores sócio-econômico-sociais eram diferenciados dos postos hoje.

Interpretar é entender as entrelinhas posta na escrita, é ir além das palavras , é descobrir os sentidos.

"Interpretação é, assim, construção de sentidos e não descoberta de sentidos já dados. Interpretação é ideologia, que determina o sentido, e não o "oculta" nem se afasta "dele". A ideologia se define aqui, tal como dissemos no início, como processo de produção de um imaginário...". (Orlandi, pág. 51.)

É através da interpretação que o texto faz sentido para o leitor, e também significa para o mesmo, enriquecendo-o, re-construindo-o, seja no real ou no imaginário.

O que se percebe no Livro Didático usado nas escolas, são respostas explicativas no contexto do textos ali distribuídos de tal forma, que estes livros assumam "as vestes do discurso científico da verdade unívoca" e as aulas de leitura e interpretação ficam na periferia, restringindo a história dessas ao livro didático.

A escola tem ao longo de sua história perpetuado

o uso do livro didático como subsídio de leitura, interpretação e produção de texto; não primando pelo autor/leitor deixando de lado a interpretação subjetiva que está nos vários sentidos do texto.

Os sentidos estão presentes em todas as formas de comunicação, pois até no silêncio tem sentidos.

O silêncio não é apenas o vácuo de comunicação, mas é um texto completo e significativo, capaz de transformar "um tumulto" em "silêncio absoluto", quer seja pelas leis de hierarquia ou por um acidente e/ou algo pavoroso, sempre, o silêncio diz ou quer dizer algo, e cabe ao "homem" entender, interpretar e desvendar o significado do silêncio.

" O gesto de interpretação se dá porque o espaço simbólico é marcado pela incompletude, pela relação com o sentido. A interpretação é o vestígio do possível". (Orlandi, pág. 18.)

Definir interpretação é amplo, pois buscar o possível dentro do que está posto considerando os possíveis gestos interpretativos pode levar ao equívoco, pois os sentidos a serem descobertos na interpretação não estão evidentes, embora em alguns casos pareçam ser.

Todas as manifestações de comunicação de um povo

podem ser um texto, o modo de o dizer nunca é fechado, mas passível de interpretação.

"O espaço da interpretação no qual o autor se insere com seu gesto e que constitui enquanto autor deriva de sua relação com a memória(saber discursivo), o interdiscurso". (Orlandi, pág. 15.)

Dentro da perspectiva discursiva o texto é "um bólido de sentidos" e são esses sentidos que a Análise do Discurso vai analisar, buscando o espaço interpretativo para a construção do interdiscurso.

O autor pela posição que ocupa na filiação de sentidos, relacionando-os historicamente vai formando redes interpretativas, produzindo então o interdiscurso; e através dele, o texto que serviu ao autor de pretexto para construir o intertexto, se significa, se re-constroi.

O professor usa o texto do Livro Didático como pretexto para interpretação, ensino da gramática e a produção de texto(até hoje aulas de redação), e deixam de lado o que o texto tem de mais rico, que é a subjetividade ou seja, as várias interpretações que são possíveis dentro de um texto, assim é que o texto que foi usado não deixa nunca de ser

pretexto.

"Tiradas as farpas, entre aspas, que vão mais em razão dos efeitos do que das propostas, o que se quer salientar é que a leitura do texto sendo pretexto para outras atividades define a própria interlocução que se estabelece. Não vejo por que um texto não possa ser pretexto(para dramatizações, ilustrações, desenho, produção de outros textos, etc). Antes pelo contrário: é preciso retirar os textos dos sacrários, dessacralizando-os com nossas leituras, ainda que venham marcadas por pretextos. Prefiro discordar do pretexto e não do fato de o texto ter sido pretexto".(Geraldi, pág. 97.)

Ser ou não pretexto, trabalhar ou não o texto como pretexto não importa. O que é necessário ter claro são os objetivos que se quer alcançar com o texto proposto, é encontrar as várias significações, e para isso as informações periféricas cabíveis para o texto é importante salientá-las.

"Antes desta análise é indispensável localizar o

texto em observação, ou seja, dar algumas informações sobre as condições de sua produção". (Orlandi, pág. 63.)

Para que se interprete um texto, um discurso, um livro ou outra obra escrita qualquer é preciso informações detalhadas, imprescindíveis para que tal aconteça, e o leitor possa ser sujeito do seu discurso.

"O sujeito se define historicamente. A relação com a linguagem, da forma sujeito característica das nossas formações sociais é constituída de ilusão de que o sujeito é a fonte do que diz quando, na verdade ele retoma sentidos preexistentes e inscrito em formações discursivas determinadas". (Orlandi, pág. 77.)

Num discurso, há sempre a relação do sujeito, aquele que o produziu com o leitor/ouvinte, e este discurso só significará mediante as reações que este estabelece com a historicidade que o compõe, pois o sujeito pode criar e ou retomar sentidos já existentes e colocados em outros discursos.

Buscar e entender essas formações discursivas, desmistificando-as, entendendo os interdiscursos é o

trabalho fundamental da escola, pois ela sabe que o texto tem vários significados interligados entre si e quanto mais trabalhá-los mais o aluno se transformará em sujeito/autor.

Dele se exige entre outras coisas, coerência, respeito aos padrões existentes, clareza, explicitação, originalidade, relevância além de "unidade, não-contradição, progressão e duração", no discurso em que ele venha a produzir e assumir como seu, como parte de sua identidade.

É entre outras coisas, nesse jogo que o aluno entra quando começa escrever.

"Para que o sujeito, se coloque como autor, ele tem de estabelecer uma relação com a exterioridade, ao mesmo tempo em que ele se remete à sua própria interioridade: ele constrói assim sua identidade como autor. Isto é, ele aprende a assumir o papel de autor e aquilo que ele implica". (Orlandi, pág. 79.)

Ser autor de um texto implica sobretudo assumir posições sérias, crítica-construtivas, no sentido de que ao passar "o seu recado" para o leitor, o faça com competência, respeitando as regras de concordância, ortografia e

pontuação, e sem deixar a coerência entre idéias e/ou palavras, transformando-as de "isoladas", "significantes por si só", nas peças chaves constituintes do TODO, que ao serem tecidas, buriladas, se significam entre si, significando o TODO que passa a ser chamado aqui de TEXTO, e é o entendimento do mecanismo de produção do texto que chama-se de I N T E R P R E T A Ç Ã O.

ANÁLISE DOS DADOS

O Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), através da Fundação Nacional do Desenvolvimento do Ensino (FNDE), propôs no Guia de Livros Didáticos para o ano de 1999 a 2000 os livros de Português da 6ª série; "Curso Moderno de Língua Portuguesa - Douglas Tufano" e "Palavras e idéias - José Nicola e Ulisses Infante".

Os dois livros no guia acima referido vem recomendando com ressalvas; do livro "Palavras e Idéias", fala assim:

"Não se constata entre os diversos exercícios de interpretação textual, preocupação com a exploração de conhecimentos prévios do aluno, com a explicitação dos objetivos de leitura, a coerência do texto lido ou dos mecanismos de coesão. Há questões de mera localização, cujas respostas são encontradas explicitamente no texto". (Guia, pág. 101.)

Do livro "Curso Moderno de Língua Portuguesa" fala assim:

"Essa plenitude de textos e códigos favorece a leitura intertextual e a interdisciplinariedade. Entretanto, não há indicações de como tirar melhor proveito dos textos, em termos tanto de leitura estética quanto de leitura oral expressiva. Da mesma forma, os procedimentos de intertextualidade e de interdisciplinariedade não são explicitamente, nem mesmo no manual do professor, o que faz com que boas possibilidades de trabalho deixem de ser aproveitados". (Guia, pág. 107.)

É através de informações como essa colocadas nas resenhas do Guia de Livro Didático, e também com os livros doados pelas editoras que os professores se reúnem para escolherem o livro didático da matéria que ministram em sala de aula.

Este trabalho vai estudar os livros referidos acima; o primeiro livro não foi escolhido por nenhuma escola e o segundo está sendo usado na Escola de Educação Básica "6 de Agosto"; e de agora em diante serão nomeados primeiro e segundo livro.

O primeiro livro tem 15 unidades, e o segundo tem doze unidades, sendo que todas elas tem um texto para abri-las e os exercícios propostos pelo livro estão divididos nas unidades.

Do primeiro livro, será analisado os exercícios de interpretação do texto que está na unidade um(1) que tem o nome: "A disciplina do Amor", e que traz dez(10) exercícios de "Relendo o texto" e três(3) exercícios de "Refletindo o texto".

Do segundo livro serão analisados os exercícios de interpretação do texto que está na unidade um(1) e que tem o nome: "O circo, o menino e a vida", e que conta com dez(10) exercícios de "Vamos trabalhar o texto". Os demais exercícios são gramaticais.

Os exercícios de interpretação ou melhor que visam a dar ênfase a esse "trabalho do texto" são mecânicos e explícito, mera repetição do que está dito no texto como fica claro em:

"Escolha, entre as expressões nos parênteses, a que melhor significado apresenta para cada uma das palavras em destaque".(observe como essas palavras foram empregadas no texto "O circo, o menino e a vida".)

A - fulgurante(que faz figuração; que tem brilho; que tem força)

B - desesperança(muita esperança; cansaço de

esperar; falta de esperança)

C - voluptuoso(delicioso; volumoso; antigo).(2.º livro, pág. 9.)

A resposta a esta pergunta exige uma leitura apurada, para a série que este livro está proposto, mas que está explícita no texto, e que são as seguintes:

A - que tem brilho.

B - falta de esperança.

C - antigo(2.º livro pág. 8.)

Portanto, resposta clara que não exige do leitor o exercício de leitura de vida mais apurada.

"1.º Onde e quando transcorreu o fato contado pelo narrador." (1.º livro, pag.2.)

Muito explicitamente, na primeira linha do texto está a resposta.

"Foi na França durante a Segunda guerra..." (1.º livro, pag. 1.)

A escola tem firmado posição na leitura mecânica, e sistematizada, priorizando o uso do Livro Didático, como estratégia metodológica, repetindo exercícios fixos, com respostas já pré-estabelecidas, prontas e acabadas, agrupadas no texto que como pretexto para o exercício da leitura e da interpretação não consegue sair dele e não avança na busca de informações que vão ajudar o leitor/aluno a construir significados oriundos do texto.

"Duas formas podem orientar, em termos metodológicos, esse tipo de leitura; a busca de informações com roteiro elaborado (pelo próprio leitor ou por outro) e a busca de informações sem roteiro previamente elaborado. No primeiro caso lê-se o texto para responder questões estabelecidas; no segundo caso lê-se o texto para verificar que informações ele dá. Em ambos os casos, é prefacial a questão do para quê ter mais informações". (Geraldí, pág. 64.)

E a leitura, a interpretação e a produção de texto que andam juntas, atentas uma a uma ficam separadas, trabalhadas de forma estereotipada, deixando de lado informações capazes de serem suportes para as três produções, e passam sem nem ao menos serem encontradas e/ou conhecidas.

"2.º O que o cachorro fazia todos os dias?". (1.º livro, pág. 2.)

A resposta a esta pergunta está logo na Segunda linha do texto, constituído de um único parágrafo.

R: "...um jovem tinha um cachorro que todos os

dias, pontualmente, ia esperá-lo voltar do trabalho...".

Os exercícios deste livro é como exatamente está sendo proposto "Relendo o texto", e continuam dando toda a sequência do texto, certa ritmada:*

"3.º Como o cachorro ficava ao ver seu dono chegar?".

"4.º como o cachorro reagia às festinhas que lhe faziam".

"5.º Quando o dono foi convocado para a guerra, o cachorro mudou seu comportamento?".

"6.º Por que o narrador diz que o cachorro parecia ter um relógio preso á pata?".

"7.º Quando seu dono morreu, o que as pessoas tentaram fazer com o cachorro? Com que intenção?".

"8.º O cachorro esqueceu-se de seu dono com o passar dos anos?".

"9.º Por que depois de certo tempo, as pessoas perguntavam: quem esse cachorro está esperando?"

"10.º O que aconteceu certa tarde?".

Todas as dez perguntas tem sua resposta no texto, ou seja, mostram o texto reescrito na íntegra com todas as palavras que já estão lá; e que pode ser entendida assim:

_"...leitura-estudo do texto é mais praticada em aulas de outras

disciplinas do que nas aulas de Língua Portuguesa que, em princípio, deveriam desenvolver precisamente as mais variadas formas de interlocução leitor/texto/autor". (Geraldí, pág. 94.)

Os exercícios de interpretação propostos nos livros didáticos de Língua Portuguesa não exploram os textos como um todo, significativo e que produz significações enquanto produção de idéias colocadas no todo que é o texto, já nos livros de outras disciplinas os exercícios propõem que se busque informações além do texto; por exemplo: um fato histórico para ser entendido é preciso conhecer o lugar geográfico em que está inserido, a linguagem local e assim por diante, e que vai trazer complementações para possível leitura significativa.

Exercícios como:

"2.º Quem nos fala no texto, é um menino ou um adulto? Justifique sua resposta."

3.º O texto apresenta nitidamente duas partes. A primeira refere-se a um momento passado e a Segunda a um momento presente. Destaque do texto um verso que se refira ao passado e um que se refira ao presente.

4.º Qual é a palavra que inicia o trecho da poesia que se refere ao momento presente? Essa palavra dá nome a

algum ser ou indica uma circunstância de tempo?

5.º Aponte no texto, uma forma verbal que aparece conjugada na primeira pessoa do singular, outra na Segunda, e outra na terceira." (2.º livro, pag. 9.)

Não oferecem e nem pedem nenhum outro tipo de leitura complementar. Mas estão como: "Vamos trabalhar o texto" no livro didático, assim como os outros exercícios que seguem:

"6.º só para "judiar"

Dê um sinônimo para o verbo judiar.

7.º ... "os olhos cada vez mais arregalados até parecerem dos pires".

Rescreva a frase acima duas vezes: em cada uma delas substitua apenas a palavra "pires".

8.º A expressão "quem sabe?" no texto, pode ser entendida como:

A - A desesperança

B - a falta de entendimento do menino

C - A esperança

D - A saudade

E - O deslumbramento do menino

9.º Que verso manifesta a desesperança do adulto." (2.º livro, pág. 9.)

Apenas o décimo exercício dá uma pequena margem para a necessidade de se ter algum outro tipo de leitura.

10.º "O texto sugere que a criança que vive em cada um de nós insiste em não morrer, ou melhor que algumas pessoas adultas nunca perdem um pouco da ingenuidade, da esperança e da ilusão das crianças. O que você pensa a respeito? Você acredita que no adulto encontramos um pouco de criança?". (2.º livro, pag. 9.)

Dizer que estes exercícios exigem algum tipo de leitura que não seja a do texto é pouco, pois deve-se lembrar que este livro é para a 6.ª série do Ensino Fundamental, portanto, para uma clientela de doze anos aproximadamente, e que estão aquém deste tipo de leitura, pois são apenas "crianças/adolescentes", e precisam de um nível de interpretação que os nove exercícios anteriores não lhes permitiu ter.

O segundo livro traz no seu bojo apenas estes dez exercícios de interpretação, estéticos, mecânicos e que não conseguem desenvolver a leitura da "palavramundo".

"Primeiro, a leitura do mundo, do pequeno mundo em que me movia; depois, a leitura da palavra que nem sempre ao longo de minha escolarização foi a leitura da palavramundo." (Freire, pág. 12.)

Ao longo de sua história, a escola tem deixado a desejar quanto à produção de leitura da "palavramundo", apregoadada por Paulo Freire nos idos anos sessenta(60), mas prima por produzir leitura mecânica e dentro de um único livro, o "didático".

Reler o texto é lê-lo de novo, mas refletir o texto é ir além de ler de novo, é buscar significado no que está posto.

O primeiro livro traz quatro exercícios em uma subdivisões da unidade "Refletindo sobre o texto" assim distribuídas:

"Nesta parte, você vai discutir as idéias do texto, vai expor suas opiniões, oralmente ou por escrito, conforme as orientações de seu professor.

1.º O que você acha que o rapaz significava para o cão?

2.º O que demonstrou o cão com sua atitude de esperar até o fim vida pela volta do dono?

3.º "Com o passar dos anos(a memórias dos homens!) as pessoas foram se esquecendo do jovem soldado que não voltou." O que o narrador quis destacar com a exclamação entre parênteses?

4.º Que outro título você daria ao texto?" (1.º livro, pág. 2.)

Estes exercícios, podem ser considerados como

reflexos do texto, pois levam o aluno, a buscar na leitura de vida, outras significações para fatos expostos no texto e que estão lá.

"O espaço de interpretação no qual o autor se insere com seu gesto - e que o constitui enquanto autor - deriva da sua relação com a memória (saber discursivo), interdiscurso." (Orlandi, pág. 15.)

E é esse interdiscurso que irá enriquecer o que está posto no texto, não mudando, mas dando a ele outras significações possíveis.

No primeiro livro, ainda com referência a interpretação do texto, o autor coloca outro subtítulo para a primeira unidade. "Dê sua opinião" onde ele se expressa assim:

"Você gostou do texto?

Ele fez você pensar em quê?

Escreva um pequeno texto expondo sua opinião sobre o texto "A disciplina do Amor." Depois troque idéias com seus colegas de classe." (1.º livro, pag. 2.)

Parece que ao propor este tipo de exercício, o autor abre para o aluno um leque de interpretações, porém ao lado coloca uma folha de papel com linhas e escreve assim:

"A disciplina do amor"

Acho que..."

Pode-se tirar daí que o aluno já tem o nome do seu texto e o início e não pode fugir deles, portanto, um "pretensso texto seu."

"O autor, instância discursiva de que emana o texto, se mostra e se dilui nas leituras de seu texto: deu-lhe uma significação, imaginou seus interlocutores, mas não domina sozinho o processo de leitura de seu leitor, pois este, por sua vez, reconstrói o texto na sua leitura, atribuindo-lhe a sua (do leitor) significação." (Geraldi, pág. 91.)

Cabe à escola, permitir e dar condições para que esta leitura aflore no aluno, modificando-o, transformando-o, tornando-o leitor/autor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Por isso, é que a leitura de um texto, tomado como pura descrição de um objeto é feita no sentido de memorizá-la, nem é real leitura, nem dela portanto resulta o conhecimento do objeto de que o texto fala." (Freire, pág. 17.)

Paulo Freire ao longo de sua vida de "Educador" deixou ao "Mundo" uma obra pedagógica, que leva em consideração a leitura que cada ser humano tem, portanto, a leitura de mundo do aluno, e coloca que sem esta ser considerada, a escola trabalha apenas e tão somente leitura mecânica, sistematizada, e que não é capaz de produzir o conhecimento real de um texto.

Considerando a Fundamental Teórica e a Análise dos Exercícios de Interpretação do Livro Didático de Língua Portuguesa, pode-se deduzir que os mesmos só refletem o texto, nu e pronto que já está lá; o qual os pretensos exercícios de interpretação não contribuem para a fruição de sentidos nele colocados.

A Análise do Discurso, diz que o sujeito é histórico, e que sempre vai escrever da época, do momento em que vive, mesmo levando em consideração outras épocas, assim

é, que se faz necessário, a escola entender em que época ela está inserida e buscar subsidiar o aluno a entender os textos que ela propõe.

Apesar da tão falada democratização da escola, ela ainda é elitizada, na medida em que, impõe através do Discurso Pedagógico, que a classe dominada, aceite o discurso da classe dominante como único e verdadeiro, o qual está inserido nos textos do livro didático, seja ele de que disciplina for, inculcando nos dominados, a ideologia do dominador.

"Além delas, os alunos lêem obras de autores, brasileiros ou não, que de certa forma dão conta dos sentimentos e das atitudes que a escola pretende consolidar nas crianças: a generosidade, o otimismo, o espírito de renúncia, a piedade, a obediência, etc..., e que se tornaram, algumas, verdadeiros best-sellers entre o público escolar." (Geraldi, pág. 84.)

Porém a tão falada democracia, deixa um rasgo de abertura, ao permitir que o professor use dos meios metodológicos que quiser para ministrar suas aulas e reproduzir o conhecimento.

Cabe à escola e ao professor repensar sua prática, buscando teorias, e recriando metodologias para o trabalho pedagógico com o livro didático.

Se os exercícios de interpretação postos no livro didático, não atendem a verdadeira interpretação do texto, o professor tem a liberdade de ampliá-los na busca dos vários sentidos que um texto apresenta.

"Com efeito, para a Análise de Discurso, não existem dados enquanto tal, uma vez que eles resultam já de uma construção, de um gesto teórico. Ai entra a questão da interpretação, o que torna essa discussão mais interessante." (Orlandi, pág. 38.)

Assim é, que se fez necessário entender e deixar claro o que é interpretação, pois ela, fazendo parte da nossa vida , também faz parte da nossa história, portanto, necessária pelo fato de andar de mãos dadas com a produção de leitura e/ou textos.

BIBLIOGRAFIA

Faulstich, Enilde L. de J. Como Ler, Entende e Redigir um Texto. Ed. Vozes, Petrópolis, 11.^a ed. 1999.

Freire, Paulo. A Importância do Ato de Ler - Em três Artigos que se completam, Ed. Cortez, São Paulo. 39.^a ed. 2000.

Geraldi, João Wanderley.(organizador). O texto na sala de aula. Editora Ática, S.P. 1997.

Guia dos Livros Didáticos 5.^a a 8.^a séries. MEC P.N.L.D. 1999, Brasília.

Orlandi, Eni Puccinelli. Discurso e Leitura. Ed. Cortez. S.P., 3.^a edição, 1996.

_____, Linguagem e seu Funcionamento, Ed. Pontes. Campinas, 2.^a edição, 1987.

_____, Interpretação - Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico, Ed. Vozes, Petrópolis, 1998.

_____, A leitura e os Leitores, Ed. Pontes. Campinas, 1998.

ANEXOS

MÁRIO
QUINTANA



Solano/Agência Estado

Mário Quintana nasceu em Alegrete, Rio Grande do Sul, a 30 de julho de 1906. Sempre em linguagem simples e singela, o poeta nos deu a receita para bem conhecê-lo: "Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo, nunca escrevi uma vírgula que não fosse uma confissão".

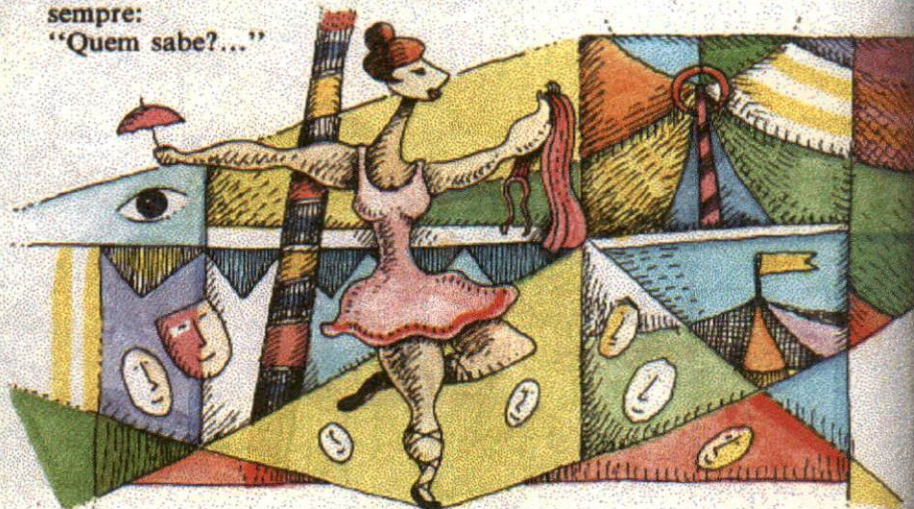
Quintana faleceu em Porto Alegre, em 5 de maio de 1994.

O PRAZER DO TEXTO

O TEXTO QUE LEREMOS A SEGUIR, DO POETA GAÚCHO MÁRIO QUINTANA, FALA-NOS DO MUNDO MARAVILHOSO DO CIRCO, DE SUAS ILUSÕES, ESPERANÇAS E DESESPERANÇAS, E DE COMO, MUITAS VEZES, ESSAS ILUSÕES CONTINUAM PELA VIDA, DA MESMA FORMA QUE A CRIANÇA CONTINUA VIVA NO ADULTO.

O CIRCO O MENINO A VIDA

A moça do arame
equilibrando a sombrinha
era de uma beleza instantânea e fulgurante!
A moça do arame ia deslizando e despidendo-se.
Lentamente.
Só para judiar.
E eu com os olhos cada vez mais arregalados
até parecerem dois pires.
Meu tio dizia:
"Bobo!
Não sabes
que elas sempre trazem uma roupa de malha por baixo?"
(Naqueles voluptuosos tempos não havia maiôs nem biquínis...)
Sim! Mas toda a deliciante angústia dos meus olhos virgens
segredava-me
sempre:
"Quem sabe?..."



MARIO
QUINTANA

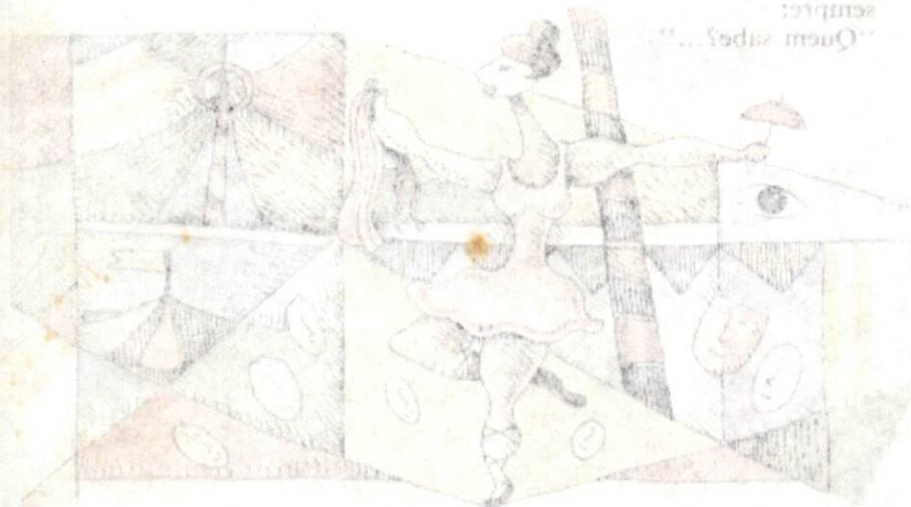


Mario Quintana nasceu em 1908, no Rio Grande do Sul, e 30 de junho de 1960. Sempre em sua poesia há uma referência à infância, a uma vida que ele considera perdida. Ele diz: "Minha vida está nos meus poemas, meus poemas são eu mesmo, minha vida, minha infância que não posso mais encontrar". Quintana faleceu em Porto Alegre em 2 de maio de 1991.

CIRCO

O MENINO A VIDA

A moça do arame
equilibrando a sombrinha
em de uma beleza instantânea e fulgurante!
A moça do arame já deslizando e deslizando-se
I entretanto
Só para jogar.
E eu com os olhos cada vez mais arregalados
até parecerem dois pires.
Meu tio dizia:
"Bobol
Não sabes
que elas sempre trazem uma toalha de malha por baixo?"
(Nada que volubrosos tempos não havia mais nem pidiu...)
Sim! Mas toda a delicadeza nenhuma dos meus olhos virgens
segrava-me
sempre;
"Quem sabe?"



ESTO LIXO CERRAMOS A SERRA DO POLO A-QUÍ NO MUNDO QUANTO À
MUNDO MANAVALHADO DO COTO DE SUAS LIXO A-QUÍ NO MUNDO QUANTO À
COMO, MUITAS VEZES, ESSAS LIXOES CONTINUA PELA VIDA, DA MESMA FORMA QUE A
CIRCA CONTINUA VIVA NO MUNDO



Eu tinha oito anos e sabia esperar.
Agora não sei esperar mais nada
Desta nem da outra vida.
No entanto
o menino
(que não sei como insiste em não morrer em mim)
ainda e sempre
apesar de tudo
apesar de todas as desesperanças,
o menino
às vezes
segreda-me baixinho
"Titio, quem sabe?..."

Ah, meu Deus, essas crianças!

(Mário Quintana)

VAMOS TRABALHAR O TEXTO

- Escolha, entre as expressões nos parênteses, a que melhor significado apresenta para cada uma das palavras em destaque. (Observe como essas palavras foram empregadas no texto "O circo o menino a vida".)
 - fulgurante** (que faz figuração; que tem brilho; que tem força)
 - desesperança** (muita esperança; cansaço de esperar; falta de esperança)
 - voluptuoso** (delicioso; volumoso; antigo)
- Quem nos fala, no texto, é um menino ou um adulto? Justifique sua resposta.
- O texto apresenta nitidamente duas partes. A primeira refere-se a um momento passado e a segunda a um momento presente. Destaque do texto um verso que se refira ao passado e um que se refira ao presente.
- Qual é a palavra que inicia o trecho da poesia que se refere ao momento presente? Essa palavra dá nome a algum ser ou indica uma circunstância de tempo?
- Aponte, no texto, uma forma verbal que aparece conjugada na primeira pessoa do singular; outra, na segunda pessoa do singular, e outra, na terceira pessoa do plural.
- "Só para judiar."
Dê um sinônimo para o verbo **judiar**.
- "...os olhos cada vez mais arregalados até parecerem dois pires."
Reescreva a frase acima duas vezes; em cada uma delas, substitua apenas a palavra **pires** por outra (se a palavra escolhida for feminina, faça as alterações necessárias).
- A expressão **quem sabe?**, no texto, pode ser entendida como:
 - a **desesperança**
 - a falta de entendimento do menino
 - a **esperança**
 - a **saudade**
 - o **deslumbramento do menino**
- Que verso manifesta a **desesperança** do adulto?
 - "Ah, meu Deus, essas crianças!"
 - "(que não sei como insiste em não morrer em mim)"
 - "apesar de tudo"
 - "segreda-me baixinho"
 - "Agora não sei esperar mais nada"
- O texto sugere que a criança que vive em cada um de nós insiste em não morrer, ou melhor, que algumas pessoas adultas nunca perdem um pouco da ingenuidade, da esperança e da ilusão das crianças.
O que você pensa a respeito? Você acredita que no adulto encontramos um pouco da criança?

Relendo o texto

Nesta parte, você deve responder por escrito às perguntas apresentadas. Procure dar sempre respostas completas, pois assim estará fazendo também um bom exercício de redação. Se tiver dúvidas sobre o significado de alguma palavra, consulte um dicionário ou o vocabulário no final do livro.

1. Onde e quando transcorreu o fato contado pelo narrador?
2. O que o cachorro fazia todos os dias?
3. Como o cachorro ficava ao ver seu dono chegar?
4. Como o cachorro reagia às festinhas que lhe faziam?
5. Quando o dono foi convocado para a guerra, o cachorro mudou seu comportamento?
6. Por que o narrador diz que o cachorro parecia ter "um relógio preso à pata"?
7. Quando seu dono morreu, o que as pessoas tentaram fazer com o cachorro? Com que intenção?
8. O cachorro esqueceu-se de seu dono com o passar dos anos?
9. Por que, depois de certo tempo, as pessoas perguntavam: "quem esse cachorro está esperando?"
10. O que aconteceu certa tarde?

Refletindo sobre o texto

Nesta parte, você vai discutir as idéias do texto, vai expor suas opiniões, oralmente ou por escrito, conforme as orientações de seu professor.

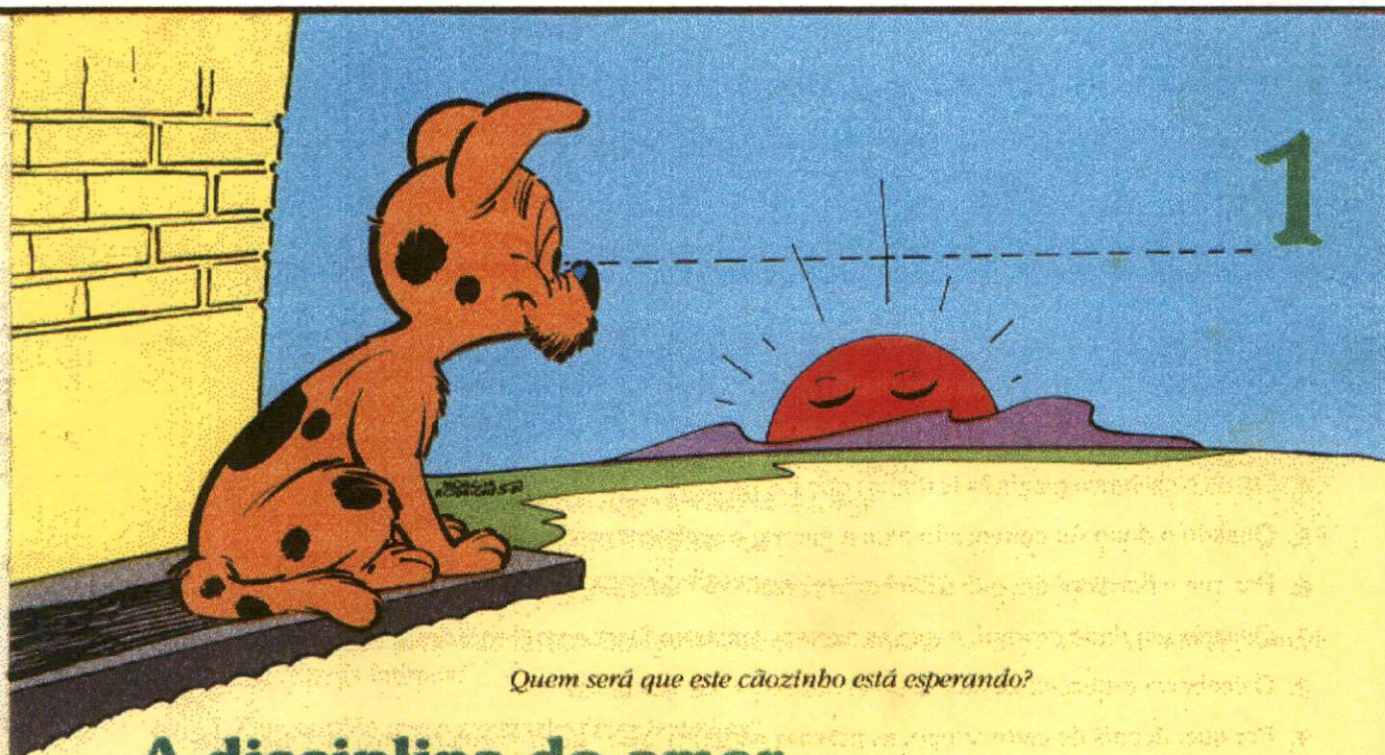
1. O que você acha que o rapaz significava para o cão?
2. O que demonstrou o cão com sua atitude de esperar até o fim da vida pela volta do dono?
3. "Com o passar dos anos (a memória dos homens!) as pessoas foram se esquecendo do jovem soldado que não voltou."
O que o narrador quis destacar com a exclamação entre parênteses?
4. Que outro título você daria ao texto?

Dê sua opinião

Você gostou do texto?
Ele fez você pensar em quê?

- ➡ Escreva um pequeno texto expondo sua opinião sobre o texto "A disciplina do amor". Depois, troque idéias com seus colegas de classe.

"A disciplina do amor"	
Acho que...	



Quem será que este cãozinho está esperando?

A disciplina do amor

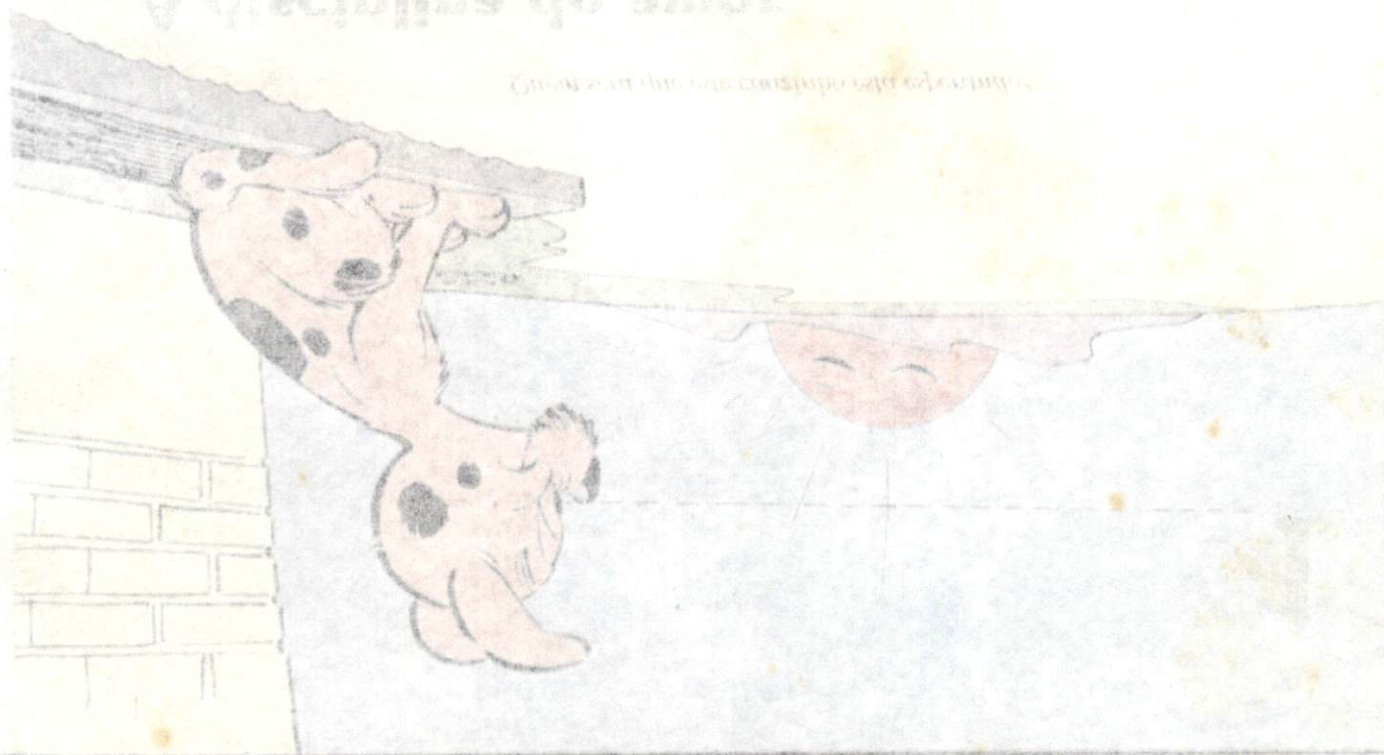
Foi na França, durante a Segunda Grande Guerra: um jovem tinha um cachorro que todos os dias, pontualmente, ia esperá-lo voltar do trabalho. Postava-se na esquina, um pouco antes das seis da tarde. Assim que via o dono, ia correndo ao seu encontro e, na maior alegria, acompanhava-o com seu passinho saltitante de volta a casa. A vila inteira já conhecia o cachorro e as pessoas que passavam faziam-lhe festinhas e ele correspondia, chegava a correr todo animado atrás dos mais íntimos. Para logo voltar atento ao seu posto e ali ficar sentado até o momento em que seu dono apontava lá longe. Mas eu avisei que o tempo era de guerra, o jovem foi convocado. Pensa que o cachorro deixou de esperá-lo? Continuou a ir diariamente até a esquina, fixo o olhar ansioso naquele único ponto, a orelha em pé, atenta ao menor ruído que pudesse indicar a presença do dono bem-amado. Assim que anoitecia, ele voltava para casa e levava sua vida normal de cachorro até chegar o dia seguinte. Então, disciplinadamente, como se tivesse um relógio preso à pata, voltava ao seu posto de espera. O jovem morreu num bombardeio mas no pequeno coração do cachorro não morreu a esperança. Quiseram prendê-lo, distraí-lo. Tudo em vão. Quando ia chegando aquela hora ele disparava para o compromisso assumido, todos os dias. Todos os dias. Com o passar dos anos (a memória dos homens!) as pessoas foram se esquecendo do jovem soldado que não voltou. Casou-se a noiva com um primo. Os familiares voltaram-se para outros familiares. Os amigos, para outros amigos. Só o cachorro já velhíssimo (era jovem quando o jovem partiu) continuou a esperá-lo na sua esquina. As pessoas estranhavam, mas quem esse cachorro está esperando?... Uma tarde (era inverno) ele lá ficou, o focinho voltado para *aquela* direção.

Lygia Fagundes Telles. *A disciplina do amor*.
Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980. p. 99.

que o
quando, "Uma mãe (ou pai) não se pode considerar feliz quando vê o filho a fazer uma coisa que não lhe dá prazer, ou quando vê o filho a fazer uma coisa que não lhe dá utilidade, ou quando vê o filho a fazer uma coisa que não lhe dá honra, ou quando vê o filho a fazer uma coisa que não lhe dá glória, ou quando vê o filho a fazer uma coisa que não lhe dá bem-estar, ou quando vê o filho a fazer uma coisa que não lhe dá felicidade, ou quando vê o filho a fazer uma coisa que não lhe dá paz, ou quando vê o filho a fazer uma coisa que não lhe dá amor, ou quando vê o filho a fazer uma coisa que não lhe dá vida, ou quando vê o filho a fazer uma coisa que não lhe dá tudo isso." (Santo Agostinho, *Confissões*, Livro IX, capítulo 10).

A disciplina do amor

(Santo Agostinho, *Confissões*, Livro IX, capítulo 10)



Explorando o vocabulário

Nesta parte, apresentamos questões e exercícios que exploram o vocabulário do texto analisado e enriquecem seu conhecimento da língua portuguesa. Se necessário, consulte um dicionário ou o vocabulário no final do livro.

1. Copie os trechos a seguir, substituindo as palavras destacadas por sinônimos.
 1. "Continuou a ir *diariamente* até a esquina, *fixo* o olhar *ansioso* naquele único ponto, a orelha em pé, atenta ao menor *ruído* que pudesse indicar a presença do dono bem-amado."
 2. "*Postava-se* na esquina, um pouco antes das seis da tarde."
 3. "... até o momento em que seu dono *apontava* lá longe."
 4. "Quiseram prendê-lo, distraí-lo. Tudo *em vão*."
 5. "Quando ia chegando aquela hora ele *disparava* para o compromisso assumido."
2. "As pessoas que passavam faziam-lhe festinhas e ele correspondia, chegava a correr todo animado atrás dos mais íntimos."
 1. Que sentido tem a expressão *fazer festinhas*?
 2. Explique o significado de *mais íntimos* nessa passagem.
3. Na passagem "Um *jovem* tinha um cachorro", a palavra *jovem* está sendo usada como substantivo. Construa uma frase em que ela tenha valor de adjetivo.
4. Leia as passagens do texto transcritas a seguir e explique os diferentes sentidos que o verbo *voltar* apresenta.
 1. "Como se tivesse um relógio preso à pata, *voltava* ao seu posto de espera."
 2. "Os familiares *voltaram-se* para outros familiares."
5. Explique a diferença de sentido que há entre estas frases:
 1. O cachorro *ia ao encontro do dono*.
 2. O cachorro *ia de encontro ao dono*.

Nossos animais de estimação

Os animais de estimação existem em praticamente todas as sociedades.

As crianças são as maiores amigas desses animais, mas os adultos também curtem a sua presença. Estudos atuais mostram que a companhia dos animais é benéfica para o ser humano.

As pessoas idosas, por exemplo, quando vivem isoladas ou solitárias, podem encontrar nos animais um grande consolo, já que eles se convertem em autênticos companheiros. Seus donos, aos poucos, falam com eles como se fossem pessoas e passam a considerá-los membros da família.

Esse relacionamento com os animais alivia a solidão e o abatimento das pessoas, estimulando-as a realizar algum tipo de atividade útil (pequenos passeios, preparação da comida, tratamento do animal etc.).